

PARTE considerável da dívida externa brasileira decorre da determinação de sucessivos governos em dotar o País de um grande complexo energético de geração hidráulica. O Brasil é ainda uma nação pobre em combustíveis fósseis, como o carvão e o petróleo, mas detém um potencial hidrelétrico fantástico, calculado em 150 mil megawatts, dos quais, hoje, aproveita pouco mais de um sexto. Há 10 anos não chegava a utilizar 10% dessa capacidade.

Daí decorre a necessidade de realizarem-se pesados investimentos na geração de energia hidrelétrica e, particularmente, de dar ao Sudeste, onde se localiza a quase totalidade do parque industrial brasileiro, seguras condições de fornecimento. O desenvolvimento econômico depende fundamentalmente de que as fábricas da região possam funcionar sem riscos de paralisações por falta de energia. Para que tal não acontecesse, gastou-se o que o Brasil podia e não podia. A produção de energia cresceu extraordinariamente ao longo dos últimos 15 anos, a ponto de empresas distribuidoras desenvolverem campanhas no sentido de estimular o consumidor das grandes cidades a gastar mais. Aparentemente, temos eletricidade sobrando.

Causa, assim, perplexidade a informação de que, a partir do dia 9 — não se trata de ameaça para futuro distante — o Rio de Janeiro poderá ser constrangido ao racionamento de energia. Não se trata, também, de um aconselhamento à população no sentido de reduzir o consumo, mas do corte mesmo do fornecimento em determinados horários, especialmente no início da noite,

quando mais se depende do metrô, do elevador, do chuveiro elétrico, da luz para uso doméstico.

As trevas a que podemos ser condenados, já na próxima semana, vêm da seca que assola, em particular, o Oeste do Paraná, parte de São Paulo, e Mato Grosso do Sul. A raiz do problema, entretanto, está na queda do nível do Rio Iguaçu. Para quem tem acompanhado as informações sobre as grandes obras inauguradas nos últimos anos com vistas a assegurar o suprimento de energia ao País, é surpreendente descobrir que toda a população e todo o parque industrial da Região Sudeste dependem, para escapar às trevas, do volume de água que flui pelo Rio Iguaçu, modesto manancial paranaense, na fronteira com o Paraguai.

Acostumamo-nos, ao longo destes anos, a falar de Itaipu, Furnas, Sobradinho, Ilha Solteira e tantos outros grandes centros geradores de energia. Verificamos, entretanto, com justificada estupefação, que é do Rio Iguaçu que depende nossa luz. De nada adiantaram nossos esforços e nossas privações para tornar reais todos aqueles sonhos hidrelétricos.

Assistimos também, com um misto de dúvida e entusiasmo, à construção das centrais nucleares de Angra dos Reis, aqui pertinho. Pouco interessa o que pagamos ou devemos por este outro devaneio. A usina vai parar para manutenção e, assim, ficamos mais ainda na dependência do distante Rio Iguaçu. Apesar de partícipes de tantas realizações, resta-nos hoje apenas invocar a ajuda de Deus para que abençoe com chuvas pesadas as cabeceiras do Iguaçu e, assim, faça-se a luz.